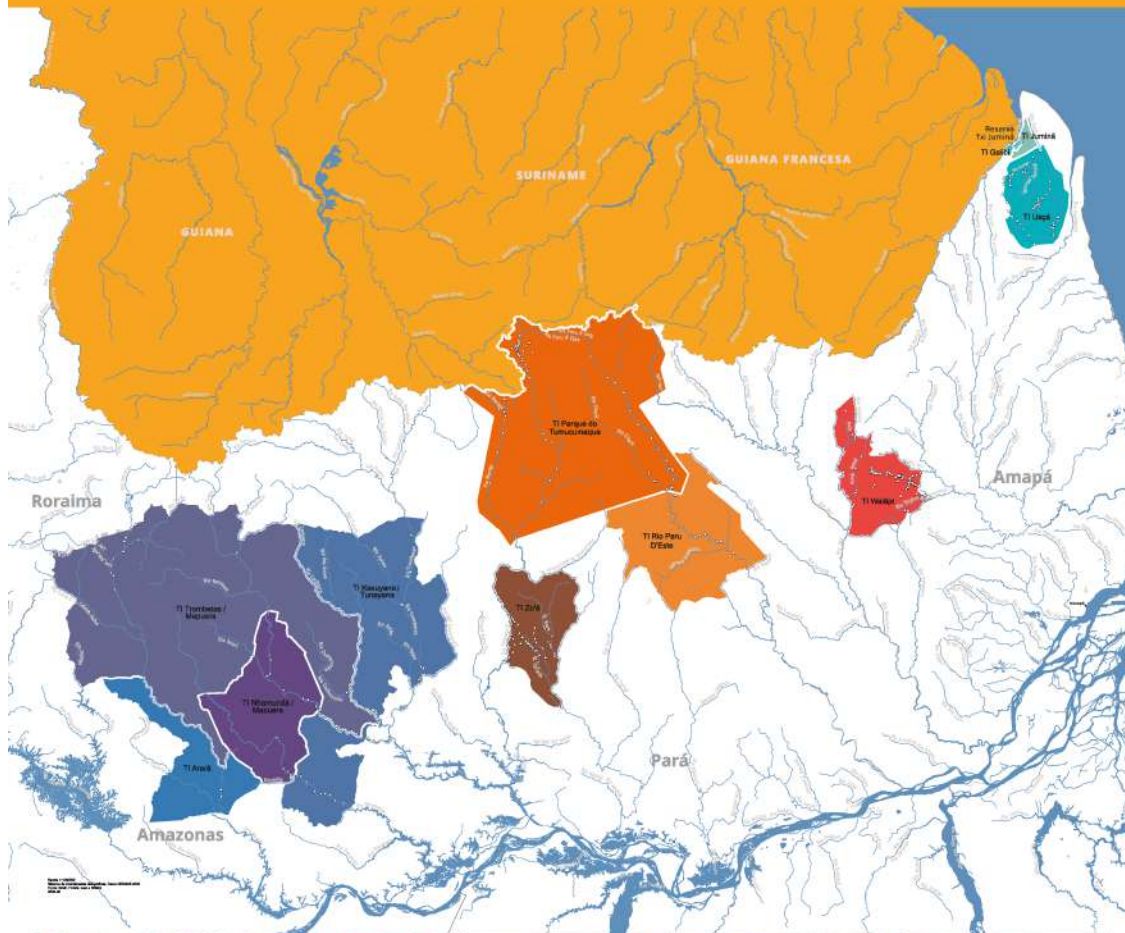


SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



TI Trombetas-Mapuera
TI Kaxuyana-Tunayana



TI Nhamundá-Mapuera
TI Arará



TI Parque do
Tumucumaque



TI Rio Paru d'Este



TI Zo'é



TI Waiápi



TI Galibi
TI Juminã
Reserva Txi Juminã



TI Uaçá



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



os povos indígenas

Os povos que hoje conhecemos como Palikur, Arukwayene, Galibi Marworno, Galibi Kali'na, Karipuna, Aparai, Wayana, Wajãpi, Waiwai, Hexkaryana, Tunayana, Katwena, Tiriyo, Katxuyana e Zo'é

têm uma longa história de convívio na faixa de terras que vai do Amapá ao norte do Pará e suas divisas com o os estados do Amazonas e Roraima. Faz pelo menos 300 anos que eles fortalecem uma história em comum, por intermédio de relações comerciais, políticas, matrimoniais e rituais.

Tudo isso ainda acontece com bastante intensidade nos dias de hoje e não apenas dentro dos limites das fronteiras do Brasil, pois as trocas se estendem à Guiana Francesa, ao Suriname e à Guiana. Isto é, antes da colonização, quando não existia a atual divisão política estabelecida pelo conquistador europeu, esses povos, em diferentes épocas, já desenvolviam amplas redes de relações na região, traçando trajetórias de trocas culturais entre os diferentes grupos indígenas até os dias atuais.

Viver experiências de união e de separação permitiu um fluxo constante de ganhos, de inovações e transformações de aspectos culturais. Mesmo assim, isso não impede que cada grupo indígena se identifique como diferente de outro. As particularidades vão das línguas que falam ao modo como desenvolvem suas maneiras de fazer as aldeias, de expressarem conhecimentos sobre os ambientes em que vivem ou de estabelecerem regras de casamento, entre outros aspectos.

A intensa coexistência entre os diferentes povos indígenas e as trocas culturais entre eles aparecem em registros escritos por viajantes desde o século 17 e continuam sendo documentadas até hoje. Com o maior contato com segmentos da população brasileira, adquiriram novos hábitos e conhecimentos, mantendo suas identidades.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Trombetas-Mapuera

Terra Indígena Nhamundá-Mapuera

Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana

Terra Indígena Ararà



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Trombetas-Mapuera ÁREA 3.970.898 hectares

Terra Indígena Nhamundá-Mapuera ÁREA 1.049.520 hectares

Terra Indígena Kaxuyana-Tunayana ÁREA 2.184.120 hectares

Terra Indígena Ararã ÁREA 727.054 hectares

Os povos dessas quatro Terras Indígenas possuem uma longa história de intercâmbios e experiências em comum. São conectados por redes de relações muito antigas: vínculos duradouros de parentesco, políticos, econômicos, rituais e linguísticos. Diante desta realidade, suas lideranças designam a região como Território Wayamu, palavra que designa o jabuti, animal que evoca resistência e longevidade, tal qual almejam os povos reunidos neste conjunto territorial.



POPULAÇÃO INDÍGENA

4.266 (2026)

84 ALDEIAS (2026)

29 POVOS

Hexkaryana, Xerew, Waiwai, Katwena, Tunayana, Katxuyana, Kahyana, Yatxkuriyana, Parukwoto, Mawayana, Caruma, Xowyana, Txikiyana, Minpoyana, Karapawyana, Wapixana, Inkariyana, Kamarayana, Okoimoyana, Karara, Karaxana, Pireuyana, Piropô, Ramayana, Sakita, Tiriyo, Aipipa, Akuryio e Aramayana

LÍNGUAS

9 línguas e dialetos da família Karib e
2 línguas da família Arawak



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Parque do Tumucumaque

Terra Indígena Rio Paru d'Este



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará

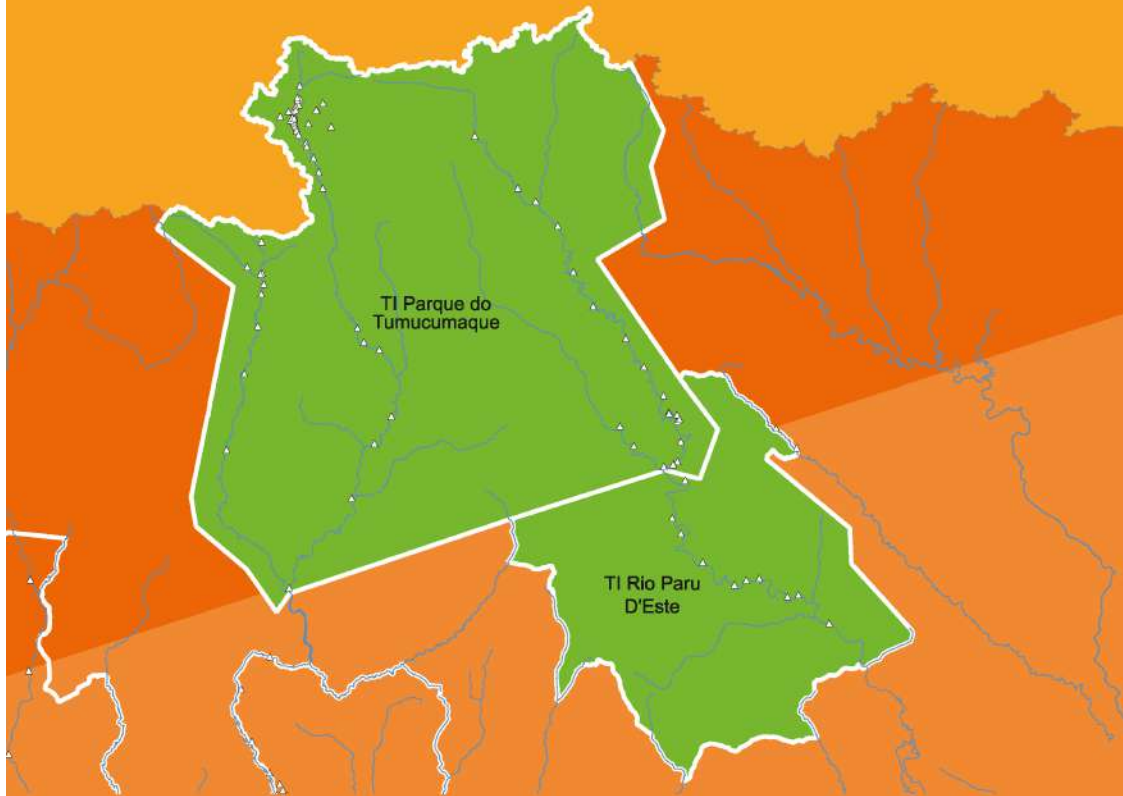


Terra Indígena Parque do Tumucumaque ÁREA 3.071.067 hectares

Terra Indígena Rio Paru d'Este ÁREA 1.195.785 hectares

Os povos dessa região começaram a conviver com não índios nos anos 1950/60, quando a Força Aérea Brasileira e frades franciscanos se instalaram no alto Rio Paru de Oeste, visando proteger a fronteira norte do Brasil e integrar os indígenas à sociedade nacional. Com o mesmo propósito, a Funai e missionários linguistas instalaram bases no vizinho rio Rio Paru de Leste.

A partir de 1997, quando ambas TIs foram homologadas, as famílias indígenas passaram a criar novas aldeias, principalmente em direção aos limites, uma estratégia de vigilância e de acesso a recursos de fauna e flora mais abundantes para seu bem viver.



POPULAÇÃO INDÍGENA
3.849 (2026)

83 ALDEIAS (2026)

37 POVOS

Ahpama, Ahpamano, Aipipa, Akiyó, Akuriyó, Alakapai, Aparai, Arahassana, Aramaso, Aturai, Inkarinyana, Kahyana, Kalku Apërën Arimisana, Katxuyana, Kukuyana, Maraso, Mamayana, Murumuruyó, Okomoyana Aramayana, Opakyana, Osonopohnomo Wezamohkoto, Patakaiyana, Piayanakoto, Pirëuyana, Pirixiyana, Piropi, Sakëta, Tarëpisana, Tiriyó, Tunapoky, Tunayana, Txikiyana, Upuruiyana, Wajäpi (do Cuc), Wajäpi (do Molokopote), Waripi, Wayana e Werehpal

LÍNGUAS

6 línguas da família Karib e
1 língua da família Tupi-Guarani



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Zo'é



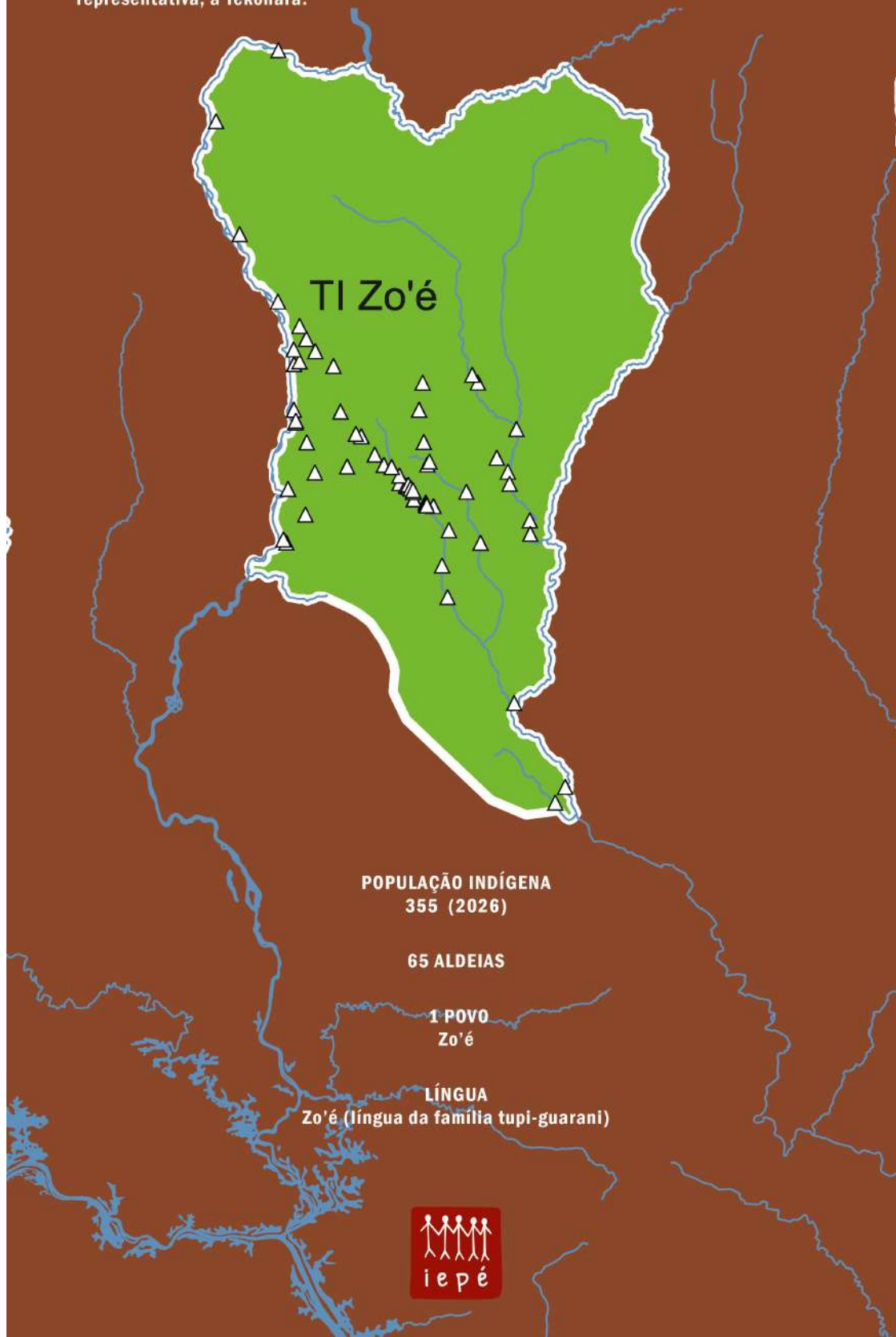
SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Zo'é ÁREA 668.565 hectares

A Terra Indígena Zo'é é coberta por densas florestas, entre os rios Cuminapanema e Erepecuru, no Norte do Pará. Os Zo'é convivem com agentes de assistência há quase quatro décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social e sua mobilidade territorial. Nos últimos 20 anos, sua população praticamente dobrou. Na última década, abriram um número significativo de novas aldeias, entre as quais as famílias extensas circulam para suas atividades produtivas tradicionais. Neste período, construíram seu PGTA, seu Protocolo de Consulta e criaram sua organização representativa, a Tekohara.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Waiãpi



SOMOS da TERRA

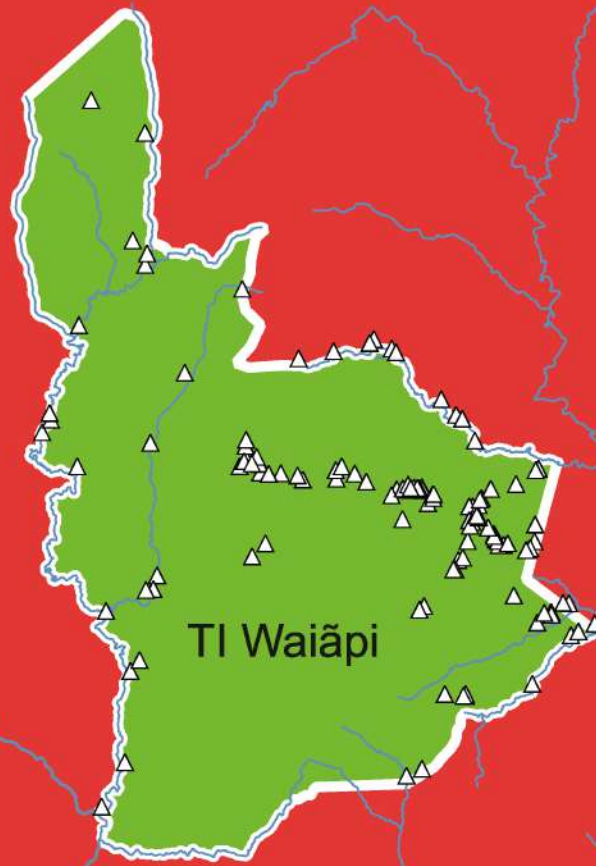
Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Waiãpi ÁREA 607.017 hectares

A Terra Indígena Waiãpi é uma área montanhosa, de floresta tropical densa, habitada atualmente por cerca de 2.000 pessoas do povo Wajãpi, distribuídas em mais de 100 aldeias.

Os Wajãpi foram oficialmente contatados pela Funai em 1973, no início das obras da Perimetral Norte (BR 210). Naquele momento, sua população estava reduzida a 150 indivíduos devido a epidemias de sarampo levadas por garimpeiros que haviam invadido seu território nos anos anteriores. De lá para cá, as famílias decidiram retomar e fortalecer seu padrão tradicional de ocupação territorial, baseado na dispersão das aldeias e em mudanças periódicas dos locais de roças e de moradias.



POPULAÇÃO INDÍGENA
1611 (2026)

105 ALDEIAS

1 POVO
Wajãpi

LÍNGUA
Wajãpi (língua da família tupi-guarani)

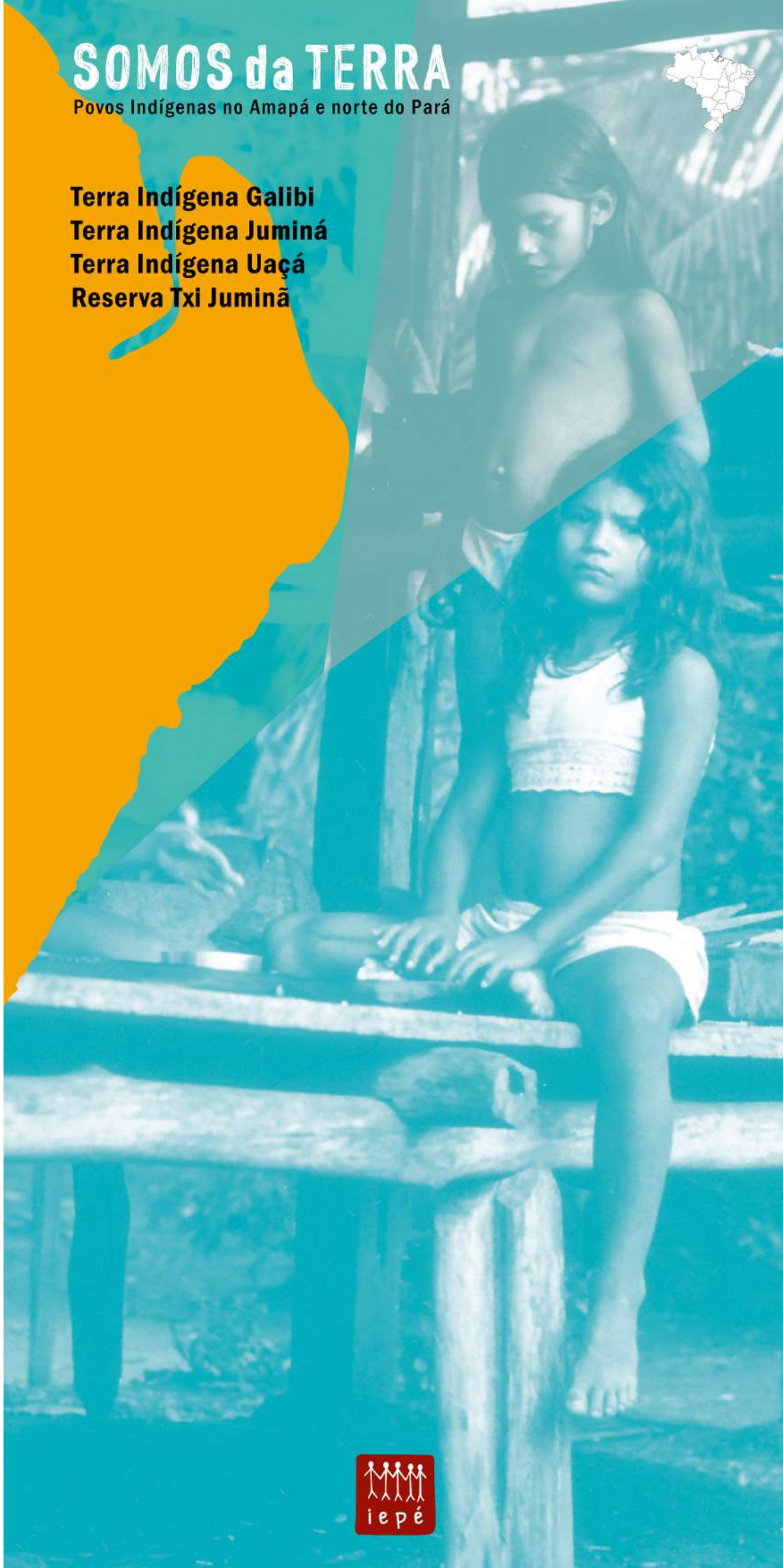


SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Galibi
Terra Indígena Juminá
Terra Indígena Uaçá
Reserva Txi Juminã



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Terra Indígena Galibi ÁREA 6.689 hectares

Terra Indígena Juminá ÁREA 41.601 hectares

Terra Indígena Uaçá ÁREA 470.164 hectares

Reserva Txi Juminã ÁREA 5.865 hectares

Os povos PALIKUR ARUKWAYENE, KARIPUNA, GALIBI MARWORNO e GALIBI KALI'NA vivem na região do Oiapoque, bastante diversa com áreas de campos alagados, ilhas, montanhas e manguezais. Possuem especificidades historicamente construídas nas relações entre si e com os não indígenas, com quem mantêm contato há mais de quatro séculos. Desde os anos 1970 organizam assembleias para tomada de decisões coletivas, apresentando-se como "POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE".

Reserva
Txi Juminã
TI Galibi
TI Juminã
TI Uaçá

POPULAÇÃO INDÍGENA
8.798 (2026)

68 ALDEIAS

POVOS

Galibi Marworno, Karipuna, Palikur Arukwayene
e Galibi Kali'na

LÍNGUA

1 da família Karib, 1 da família Aruak
e as línguas Kheul Karipuna e Kheul Galibi Marworno



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



**cuidamos da floresta
para continuarmos a viver bem**

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Os povos indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará e divisas com os estados do Amazonas e Roraima possuem modos próprios de se organizar e de ocupar os espaços em que vivem. Cada povo tem suas normas de conduta e regras de convívio com as quais buscam viver bem entre si e nos territórios em que se localizam.

Algumas dessas regras dizem respeito à forma de organizar os locais de moradia. Em cada casa normalmente vive um casal com seus filhos e filhas. Ao se casar, as mulheres continuam morando perto de seus pais, cabendo aos maridos construir uma nova morada perto dos sogros. Eles passam a compartilhar as mesmas instalações de cozinha (jiraus, locais de acender o fogo e utensílios domésticos para o processamento de alimentos de consumo diário), localizadas no pátio de duas ou três casas.

Cada aldeia possui um fundador, chamado de “dono do lugar”, aquele que os não índios chamam de chefe ou cacique. A força política desse dono do lugar advém de sua capacidade de manter os moradores unidos, satisfeitos com seu modo de organizar a vida em comunidade e de conduzir as relações com os membros de outras aldeias .

Tradicionalmente, as aldeias caracterizam-se por possuir um tempo de vida útil relativamente curto, entre 5 e 15 anos no máximo. Mas, em alguns locais, devido a processos de sedentarização, existem grandes aldeias que têm mais de cem anos. O fator decisivo para o abandono de uma aldeia é o esgotamento da caça e dos demais recursos naturais no seu entorno. No entanto, a procura de um novo local de morada pode ocorrer em caso de desavenças internas, surtos de doenças, mortes, infestação de pragas etc.

As aldeias apresentam-se espalhadas ao longo dos cursos d'água, com graus de distância variáveis umas das outras. Moradores de aldeias mais próximas costumam manter relações mais constantes de trocas de bens e de casamentos. No entanto, isso também pode acontecer entre moradores de aldeias distantes localizadas tanto no Brasil quanto na Guiana Francesa ou no Suriname.

Os povos indígenas organizam-se para guardar e transmitir, de geração em geração, a memória de suas origens, bem como de suas amizades e inimizades históricas e atuais.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



*mudamos sempre
nossas aldeias de lugar*

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

mobilidade das aldeias

Hoje nosso território tem mais de 50 aldeias. Além delas, há muitos sítios e roças que não são aldeias, mas onde passamos boa parte do ano.

Moramos em aldeias com acesso apenas por via aérea. Até agora convivemos bem em nossa terra, sem invasores, sem garimpeiros, sem madeireiros. Vivemos bem porque tem fartura de roça, de caça e pesca, de aves, a floresta toda em pé.

Quando as aldeias ficam velhas a gente não as abandona. Elas viram capoeiras. Aí voltamos para lá para cuidar de alguns cultivos e também para caçar.

Não fazemos nossas aldeias sempre no mesmo lugar porque não abrimos roças sempre no mesmo lugar.

Nosso território é diverso, formado por grandes áreas de campos alagados e ilhas, florestas, montanhas, manguezais, rios e lagos. Nas áreas de terra firme construímos nossas aldeias e fazemos nossas roças. Cada povo vive em uma região.



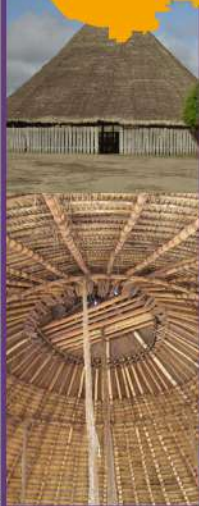
SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



ORGANIZAÇÃO SOCIAL
construção das casas

fazemos nossas casas com coisas que tiramos da floresta



Antigamente, toda a população de uma mesma aldeia morava em uma só casa comunal, que abrigava várias famílias nucleares. Esse jeito de morar mudou a partir da chegada dos não índios.



Carregamos a palha do ubim no jamaxim, que é trançado na mata mesmo. Tecemos o ubim na aldeia e o telhado fica coberto em dois dias, quando a casa fica pronta para morar.



Nunca colocamos nossas casas em encostas de serras, senão nossos filhos podem tropeçar. Abrimos aldeias em lugares planos e perto de igarapés.



Usamos muitas palhas e fibras na nossa vida cotidiana. Para cobrir as casas gostamos de ubim. Tomamos o cuidado de não tirar todas as folhas das palmeiras que usamos. Assim, elas podem se desenvolver de novo.



Usamos palmeiras como o inajá, o ubim e o buçu para a cobertura de casas, mas também utilizamos cavaco e telhas. Além das casas onde moramos, temos os kahbe (casas de farinha) e os retiros onde passamos uma parte do ano. Muitas famílias também têm parentes ou casas na cidade.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



falamos nossas próprias línguas

línguas | ORGANIZAÇÃO SOCIAL



Somamos cerca de 30 yanas/povos e falamos pelo menos 11 línguas diferentes e muitos dialetos. A maioria é da família linguística Karib, e duas são da família linguística Arawak.



Em nosso território são faladas quatro línguas diferentes. Quando estamos juntos, quase sempre conseguimos nos entender. Os estudiosos explicam que é porque essas línguas são da mesma família linguística, chamada Karib.



Nos últimos quatro anos, alguns jovens e chefes de aldeia aprenderam a se comunicar em português. Vinte jovens já estão lendo e escrevendo na língua Zo'ó.

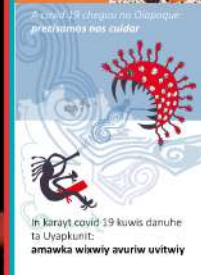
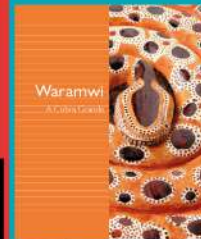
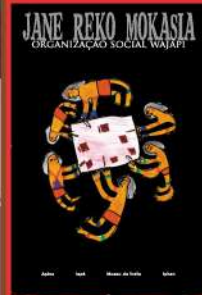
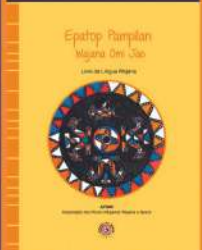


Antigamente as caças, as florestas, nossos antepassados, outros grupos indígenas e os não indígenas conversavam entre si na mesma língua. Muito tempo depois nosso criador fez uma língua para cada um. Até hoje nós falamos nossa língua wajápi.



Somos diferentes povos indígenas e falamos diferentes línguas.

Manter a língua de nossos antepassados faz nossas crianças marcarem sua identidade e terem orgulho de seu futuro.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



nas nossas festas
nos comunicamos com
outros seres da floresta

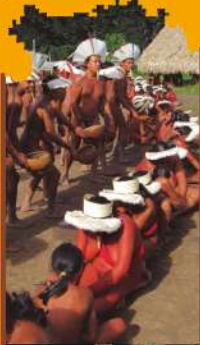
festas | ORGANIZAÇÃO SOCIAL



Cuidamos do nosso território viajando longas distâncias para visitar uns aos outros em nossas aldeias. Gostamos de nos reunir e nos alegrar em festas, reuniões e jogos esportivos dos nossos parentes de diferentes yana.



Nas nossas festas gostamos de reunir muita gente, parentes e não parentes, próximos e distantes, humanos e não humanos. Fazemos festas para celebrar as diferenças que existem no mundo.



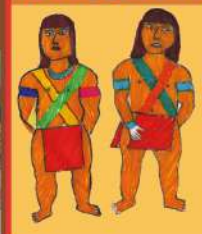
As festas são espaços de beber caxiri, cantar, dançar, tocar flautas e ficar alegre. Elas têm seus donos originais. Então, nas festas, imitamos os cantos e as representações que esses donos criaram.



Nossa maior festa, o Turé, é realizada em agradecimento às curas propiciadas pelos karuãna, seres que habitam o mundo dos invisíveis.



No tempo das chuvas, quando muitas frutas do mato amadurecem, é comum nossas famílias se reunirem para uma festa. Nessas ocasiões distribuimos grande quantidade de bebida sepy.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



trabalhamos muito
produzindo tudo o que precisamos para viver

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

O cultivo de roças, bem como a caça, a pesca e a coleta são a base da alimentação dos povos indígenas do Amapá e norte do Pará e de suas divisas com os estados do Amazonas e Roraima. Tais atividades são guiadas pelo ciclo anual da estiagem (de julho a dezembro) e das chuvas (entre janeiro e junho). Isto orienta a abertura, a derrubada, a limpeza, a coivara, o plantio e a colheita da roça, determina as espécies de peixes, animais e frutos disponíveis em cada época e local e define, também, as mudanças periódicas de lugar de moradias.

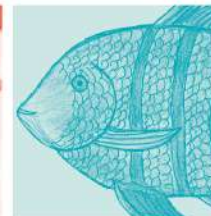
Com a instalação de bases de assistência, de postos de saúde e escolas, iniciou-se um processo de sedentarização de famílias em torno desses locais. Isto é, as famílias se fixaram ali por longos períodos para terem acesso a bens de consumo, serviços remunerados, assistência, transporte e comunicação.

Em contrapartida, as terras boas para o cultivo passaram a ficar distantes das aldeias, a caça e a pesca foram se tornando escassas e a madeira e a palha para a construção das casas ficaram mais raras e distantes dos locais de moradia. Esse fenômeno ocorreu em toda a região, em diferentes períodos.

Para enfrentar esses problemas, muitas famílias decidiram retomar a seus antigos locais de moradia, onde o crescimento da vegetação já havia possibilitado a recuperação do solo para plantio e de outros recursos naturais. As terras pretas ou vermelhas misturadas com areia são consideradas boas para se plantar mandiocas, milhos, macaxeiras, batatas, carás, jerimums, cana-de-açúcar, abacaxi, bananas, melancia, caju, cacau e tabaco. É comum o plantio de canarana (ou cana-do-rio), uma touceira cujo talo serve para os homens fazerem suas flechas. Na proximidade das casas e nos quintais plantam-se urucum, laranja, limão, ervas medicinais, pimentas, algodão e cabaças.

Durante todo o ano são realizadas expedições na floresta para a caça e a coleta. A coleta vem como complementação da dieta alimentar e é praticada pelos casais ou, mais frequentemente, por grupos de irmãos, de cunhados ou de pais com seus filhos. Esses são momentos propícios para a observação de disponibilidade de matérias primas para a confecção de canoas, para a construção de casas ou dos artefatos necessários para uso cotidiano.

A mobilidade espacial é, ainda, uma estratégia de vigilância para impedir invasões ilegais de garimpeiros e outros agentes do extrativismo predatório no território.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



a floresta é nosso supermercado

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

florestas

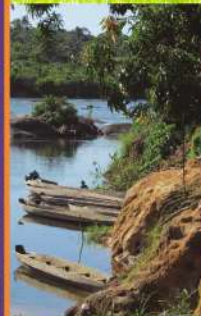
A terra e a floresta onde vivemos são usadas e manejadas pelos nossos parentes há vários séculos. Ainda hoje elas são ricas de todo tipo de plantas e de animais. Precisamos manter tudo assim para nossos filhos, netos, bisnetos...

Das florestas vêm os alimentos para nós e para os animais. Cuidamos de tudo que precisamos para fazer nossas casas, alimentos, utensílios e remédios.

Quando muita gente fica em um mesmo lugar, começa a acabar a caça.

As montanhas, os ventos, as árvores, as caças, aves, peixes, rios, tudo tem seus donos. "Dono" é quem cuida de alguma coisa. Respeitamos a floresta porque respeitamos os donos de cada coisa.

Onde vivemos tem fartura. A andiroba e o tucumã da floresta nos permitem produzir óleos medicinais, retirar madeira para construir nossas casas e canoas, e o açaí para nos alimentar e comercializar. A nossa região é farta em peixes e outros animais.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



depois de alguns anos
mudamos o lugar das nossas roças
e deixamos a floresta se recuperar

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

roças

Grande parte de nossa alimentação vem da roça. O plantio de espécies tradicionais é essencial para nosso bem viver, para a nossa segurança alimentar e para a qualidade do que comemos.



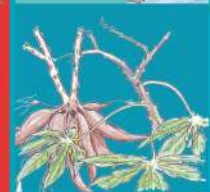
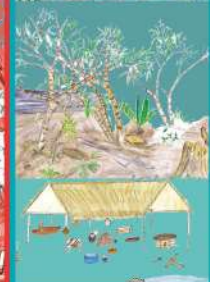
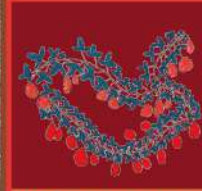
Nossas roças produzem fartura: mandiocas, abacaxi, jerimuns, melancia, batatas, carás, milhos e bananas. Alguns animais também aproveitam os produtos da roça para se alimentar.



Na aldeia do Rio Kare comemos muito peixe e muito coatá. Quando a roça de lá estava muito nova, a gente levava farinha da aldeia. Agora já tem bastante mandioca e já podemos fazer farinha ali mesmo.



Cada família tem várias roças, umas mais velhas, outras mais novas. As mulheres são as conhecedoras das variedades de plantas da roça e trocam sementes e mudas entre si.



Nossas roças são construídas em mutirão, mas cada família tem a sua própria roça. Além das variedades de mandioca, também plantamos frutas nos quintais de nossas casas e outras espécies nas mahecaj, como chamamos os baixões.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



sem farinha ou sem beiju
a comida não mata a nossa fome

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

processamento de alimentos



Quando somos crianças não sabemos fazer nada. Apenas brincamos! Quando crescemos começamos a caçar, pescar, assar beiju, buscar frutas, mel e insetos. Quando somos adultos construímos casas, abrimos roças e plantamos, tecemos utensílios de algodão e fibras, abrimos canoas, esculpimos bancos, arcos e flechas.



Para fazer beiju de tapioca com castanha, os homens colhem a castanha e trazem para a aldeia. As mulheres descascam e ralam. Misturamos a castanha ralada com a tapioca, enrolamos essa massa em folha de bananeira e colocamos para assar.



A castanha é que é a nossa comida mesmo. A farinha é a companheira da castanha. É por causa do leite da castanha que as crianças crescem.



Usamos muitos tipos de caças, peixes, frutas e plantas das roças na nossa alimentação. E temos vários jeitos de preparar esses alimentos. Por exemplo: fazemos carnes moqueadas, cozidas, assadas e no mingau. Gostamos de comer carne e peixe com beiju ou farinha.



Somos conhecidos na região como grandes produtores de farinha e outros subprodutos da mandioca, fabricados nas casas de farinha. Enquanto torramos a farinha, assamos o peixe na beira do forno.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



**pedimos licença aos donos
dos animais e das plantas
quando saímos para buscá-los**

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

coleta, caça e pesca



Além das aldeias e sítios, percorremos os lugares mais distantes de caça, pesca e coleta de castanha e de frutos como a bacaba e o buriti.



No inverno as chuvas tornam a pesca mais difícil. Então, caçamos mais e ainda coletamos as frutas da época, uma oportunidade para manter limpos nossos caminhos pela mata. No verão ficamos mais tempo longe de casa, em lugares onde podemos acampar, caçar, pescar e coletar vários alimentos.



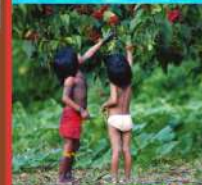
Quando vamos caçar, fazemos caminhos entre as árvores frutíferas que alimentam caças e peixes. Por isso, nas nossas expedições, caçamos, pescamos e coletamos vegetais e frutas.



Havia muita abundância de peixes na região dos campos alagados, áreas de mangue e rios. Mas paramos de vender aos não índios quando percebemos que os peixes estavam ficando escassos.



Logo depois do tempo das chuvas tem muita fruta na mata. É bom para caçar porque os animais estão gordos.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



mulheres carregam a produção,
homens abrem a mata

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

trabalho das mulheres, trabalhos dos homens



Tudo o que fabricamos deve ter serventia e ser eficiente. Nossos objetos são feitos para serem usados.



Os homens produzem os tipitis, peneiras e cestos que são utilizados pelas mulheres no preparo dos alimentos. As mulheres fabricam redes e tipois, fiando e tecendo algodão



Quando as pessoas trabalham, deixam as marcas das suas mãos e da sua alma em tudo o que fazem.

Além do que produzimos nas roças, nossas famílias inteiras coletam cajus, açai, buriti, pupunha e outras frutas que não têm nome em português.



Hoje nós coletamos argila perto dos locais onde os nossos falecidos avós faziam isso. Nós vamos coletar com bastante gente, porque é muito difícil cavar argila.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



**Vendemos nossos produtos
para comprar
o que não fabricamos**

MODOS TRADICIONAIS DE PRODUÇÃO

produção para comercialização



A coleta de castanha é uma atividade muito antiga e significativa para a nossa economia indígena, bem como para as comunidades não indígenas que vivem no entorno do nosso território.



Na minha aldeia tem criação de peixes, de abelhas-europa e tem meliponicultura, que é a criação de abelhas nativas. Também criamos bois.



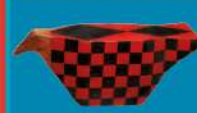
Nós nunca compramos comida de não indígenas porque temos muita comida em nossa terra. Vamos cuidar para que as matérias-primas não acabem para fazermos sempre nossos utensílios e artesanato para vender.



Antigamente a gente fazia akánytarã para vender, que é um tipo de coroa feita com penugem de tucano. Mas hoje deixamos o akánytarã só para nosso uso e vendemos peças de fibra e palha trançada.



Temos uma antiga relação com o centro urbano de Oiapoque e de Saint Georges, na fronteira da Guiana Francesa. Ali vendemos nossos produtos e compramos artigos industrializados que já fazem parte da nossa vida.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



as formas de pensamento
organizam nossos modos de vida

COSMOLOGIA E VIDA RITUAL

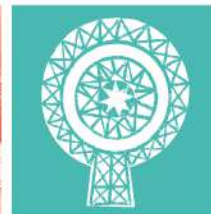
Os povos do Amapá e norte do Pará e de suas divisas com os estados do Amazonas e Roraima compartilham algumas concepções sobre a origem do mundo e o processo de surgimento da humanidade. No começo dos tempos, não havia separação entre terra e céu, nem entre povos, ou entre humanos e não humanos. Para esses povos, a história da humanidade se confunde com a história de inúmeras separações – entre planos aquático, terrestre e celeste; entre espécies que povoam o mundo; entre seres visíveis e invisíveis. Pelos feitos de heróis criadores, as espécies foram separadas e adquiriram suas próprias línguas e seus espaços de moradia. Mas, como explicam os povos da região, tudo que existe no universo foi um dia “como a gente” e todos os seres são dotados de alma e de vida social.

As transformações que afetam as relações entre os seres do universo prosseguem até os tempos atuais, alterando formas e posições, num movimento permanente.

Assim, na região, as festas podem ser compreendidas como a celebração das diferenças que povoam o mundo, porque promovem interações entre uns e outros, aliados e inimigos, vivos e mortos, visíveis e invisíveis. Essas celebrações são organizadas por pessoas reconhecidas como “donos da festa”, responsáveis pelo bom andamento dos preparativos e por distribuir tarefas. As mulheres se encarregam de preparar bebidas fermentadas e os homens providenciam alimentos, além de fabricar os enfeites e ornamentos específicos de cada festa. As festas se caracterizam por um conjunto de permutas, entre quem promove e oferece bebida e os convidados, muitas vezes responsáveis por oferecer sua música. Assim, de festa em festa, consolida-se um sistema de trocas entre aldeias, essencial na vida social dos povos da região.

Diferentemente dos rituais festivos, as atividades dos pajés são mais discretas e pouco ritualizadas. São ações terapêuticas e reparadoras de tensões entre humanos e não humanos, entre famílias, aldeias ou povos distintos.

Os rituais praticados consistem numa lembrança dessas transformações, na medida em que promovem uma conexão com domínios do universo e com seres que foram distanciados. Os rituais também reposicionam relações entre povos distintos, entre parentes e não parentes, entre aldeias próximas ou distantes.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



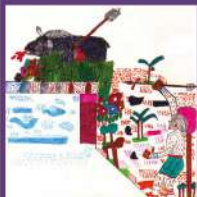
*Para nós, existe alma em tudo:
nos humanos, nos animais,
nas plantas, nas montanhas...*

COSMOLOGIA E VIDA RITUAL

conhecimentos



Cada ciclo de vida corresponde a um ciclo produtivo. Quando um rapaz mata a sua primeira anta ou o primeiro porco-do-mato, a aldeia vai celebrar uma festa e comer a carne que o jovem ofereceu.



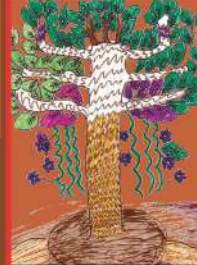
Tudo o que existe no mundo tem um antes e um depois. Cada ser que hoje não é humano ou não possui vida animada, certa vez já foi um humano.



Os meninos começam caçando passarinho. Depois que crescem, vão um pouco mais longe, sempre junto com o pai porque na floresta tem onça. Depois que crescem um pouco mais, ficam fortes e não têm mais medo.



Para nós Wajãpi, não existe separação entre natureza, sociedade e cultura. O que os não índios chamam de natureza, para nós, são outras gentes e suas comunidades.



Nossos velhos aconselham os jovens a distinguir as duas ciências: a do índio e a do não índio, porque uma não é melhor que a outra.



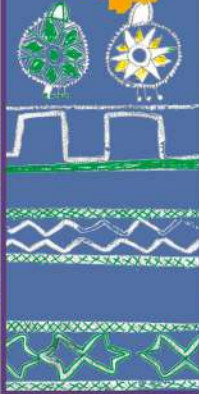
SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



desenhos e pinturas
embelezam nosso corpo
e os objetos que usamos

grafismos | COSMOLOGIA E VIDA RITUAL



Somos os vários povos yanás, e nossos cantos, grafismos e histórias são conhecimento dos antigos que passamos para os mais novos, que vão repassar para suas futuras gerações.



Os desenhos da pintura facial são sempre diferentes dos desenhos das pinturas no corpo. Antigamente havia desenhos que eram só para mulheres e outros só para os homens, mas hoje não seguimos mais essa divisão.



Usamos pinturas para enfeitar, proteger e fortalecer os nossos corpos. Cada pintura que usamos tem seus próprios donos, que são os seres que a usaram pela primeira vez. Por isso não podemos nos pintar de qualquer jeito.



Nossa arte se expressa na cerâmica e na cestaria, nos grafismos sonhados pelo xamã, nas marcas das cuias, na plumária e na ornamentação ritual, nos instrumentos musicais, nos bancos e nos mastros esculpidos.



São nossas mulheres que pintam as flechas com tinta de jenipapo. Também embelezam com kusiwet (grafismos) os corpos de seus parentes.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



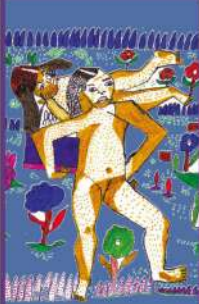
tendo saúde,
nosso pensamento
fica claro e limpo

COSMOLOGIA E VIDA RITUAL

saberes e cuidados com a saúde



Antigamente, cuidar da saúde dos enfermos era tradicional, havia pajé. Hoje, precisamos de medicamentos e hospitais quando a doença grave vem dos não índios.



Nossos tratamentos caseiros são eficientes para doenças mais comuns, como dores, diarreias e machucados. Mas os casos graves dependem de tratamento hospitalar. O isolamento das aldeias dificulta essa assistência.



Nós temos como nos proteger das dores. Se elas são causadas por princípios agressivos de animais e plantas, nós soprmos a fumaça do tauari. Então, a agressão vai para fora e a dor para.



Se não fazemos resguardo direito, os donos dos rios, do sol, da chuva e da floresta mandam as doenças para as pessoas.



Para fazer remédio tem a hora de colher as folhas e o tempo certo de preparar. Nem tudo é pra cozinhar.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



agora é garantir
a qualidade de vida
em nossas terras demarcadas

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

O respeito exigido pelos povos indígenas não se limita a reconhecermos sua existência, mas a conhecermos profundamente como pensam e como agem. Eles estão há séculos tentando nos compreender. Agora, cabe a nós percebermos a potência de seus valores e conhecimentos.

O fato de povos indígenas participarem, hoje, do mundo globalizado, dificulta aceitarmos que modos de vida e pensamento tão diferentes dos nossos possam ainda existir. Ou seja: como entender que os indígenas insistem em dizer que são indígenas quando os vemos lidando com televisão, computador, internet e produtos industrializados em geral? Para responder, basta olhar para nós mesmos: não deixamos de ser brasileiros quando usamos palavras em inglês, quando comemos pizza (da cultura italiana), ou usamos tênis e calça jeans (da cultura norte-americana).

Mais do que entender que todos possuem os mesmos direitos como cidadãos é necessário entender que povos indígenas possuem direitos específicos. É na Constituição que isso está definido. Os maiores desafios dos povos indígenas em geral, bem como os do Amapá e norte do Pará e de suas divisas com os estados do Amazonas e Roraima, são os de fazer valer seus direitos para:

- Terem terras demarcadas e fiscalizadas para uso e ocupação exclusiva das comunidades;
- Não terem as terras invadidas e ocupadas por outras pessoas ou empresas;
- Decidirem sobre a possibilidade de realização de atividades de garimpo, mineração, construção de barragens e quaisquer outras de exploração econômica em suas terras;
- Receberem apoio para implementar processos formativos diferenciados, na escola ou fora dela, que valorizem suas línguas, conhecimentos e práticas que contribuam para a formação de profissionais indígenas;
- Receberem assistência à saúde nas aldeias e nas cidades, com profissionais habilitados para isso;
- Terem acesso a tecnologias de comunicação (radiofonia, internet etc.) e a serviços básicos como saneamento, abastecimento de água e energia;
- Terem autonomia decisória, inclusive por intermédio de suas organizações indígenas, que devem ser reconhecidas como principais porta-vozes dos interesses dos povos nelas representados.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



agora nossas terras
têm limites demarcados,
então precisam ser bem vigiadas

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

ameaças



Os garimpos de ouro despejam mercúrio nos rios em que pescamos. Os peixes estão contaminados, e isso foi comprovado com pesquisa de cientistas. Além de nós, povos indígenas, toda a população amapaense e paraense está com a saúde em risco.

Nos preocupamos também com o crescimento da população não indígena que instala novos povoadamentos e fazendas no entorno de nossas terras. As estradas fazem com que as pessoas cheguem mais perto. A região da estrada Perimetral Norte, por exemplo, está sendo cada vez mais ocupada e desmatada. E outra grande preocupação é o projeto de exploração de petróleo na Foz do Amazonas.

Tem muita gente de olho nas terras onde sempre vivemos e que precisamos deixar para os nossos netos.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



temos direito à educação e saúde diferenciadas



DESAFIOS E PERSPECTIVAS

educação e saúde

Temos modos de vida diferentes dos não índios. Queremos que nas nossas escolas as crianças aprendam o português e os conhecimentos dos outros. Mas queremos que elas conheçam as nossas histórias, valorizem os nossos conhecimentos e falem a nossa língua, porque cada povo indígena fala uma língua diferente.

Tô Parque do Tumucumaque e Rio Paru (Este Parque, Tumucumaque, Tumucumaque, Tumucumaque, Tumucumaque, Tumucumaque)

NO BRASIL DE 2020		TOTAL BRASIL
ALGARVES: 29 casos confirmados		103 Casos
MATOSI: 47 Casos confirmados		
PARÁ: 27 Casos confirmados		53 Casos
AMAPÁ: 22 Casos confirmados		1 Casos
TOTAL AMAPÁ	TOTAL PARÁ	TOTAL DO NORTE
1 Casos	27 Casos confirmados	156 Casos
		1 Casos

Vamos nos Lutar e combater o COVID-19!

PEDRA BRANCA DO AMAPÁ É O MUNICÍPIO COM MAIOR NÚMERO DE CASOS DE COVID-19 NO BRASIL.

São 1.360 casos confirmados em Pedra Branca (dados de 2 junho de 2020), e 1.379 casos em Macapá.

Isso significa que todos os Wajãpi que estiverem em Macapá, São Brás, Vila do Roraimó, Pedra Branca e Macapá em maio ou junho têm grande possibilidade de ter tido contato com COVID-19.

POR ISSO TODOS OS WAJÁPI DEVEM TOMAR VÁRIOS CUIDADOS PARA EVITAR A COVID-19 NA TIW

PANDEMIA DA COVID-19

o que sabemos e o que podemos fazer nos Terras Indígenas?



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



para os não índios
um documento escrito
vale mais do que a palavra

DESAFIOS E PERSPECTIVAS



organizações indígenas

Quando os chefes de aldeias não dominam o português, eles contam com seus representantes para transmitir suas posições através de documentos das organizações indígenas.

As organizações indígenas representam nossos interesses junto às autoridades de governo ou qualquer instituição não indígena.

Atualmente existem as seguintes organizações indígenas no Amapá, norte do Pará e seus limites com os estados do Pará e Amazonas:

- | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|--|---|---|--|---|--|--|---|--|---|---|---|---|--|---|--|---|---|--|--|--|
|  AKATUK - Associação Indígena Karapana, Tunayana e Kalyana |  AMBIMU - Associação das Mulheres Indígenas do Região do Município de Orlândia |  APIN - Associação dos Povos Indígenas do Wapitana |  APITNA - Associação dos Povos Indígenas Tradicionais Wapitana |  APIT - Associação dos Povos Indígenas Wai Wai |  APIMARA - Associação Aymara |  ASPARIN - Associação dos Povos Indígenas do Alto Rio Nhamandá |  CGPI - Conselho Geral dos Povos Karapana |  RUMU - Organização das Mulheres Indígenas Wai Wai |  APITKATUK - Associação dos Povos Indígenas Tilyé, Kabayana e Talykaya |  APITB - Associação dos Povos Indígenas Wapana e Aparaí |  AMERA - Associação das Mulheres Wapana e Aparaí |  AMITIKATUK - Articulação das Mulheres Indígenas Tilyé, Kabayana e Talykaya |  CCLTUK - Conselho dos Caciques e Lideranças Tilyé, Kabayana e Talykaya |  TEXONARA - Organização Zeré |  APUC - Conselho de Chefe Wajjijí |  AWATAC - Associação Wajjijí Terra, Ambiente e Cultura |  APINATA - Associação dos Povos Indígenas Wajjijí do Território do Amapá |  AIN - Associação Indígena Wajjijí |  COPIU - Conselho dos Caciques dos Povos Indígenas do Oiapoque |  XEIM - Associação das Mulheres Indígenas do Mucá |  GUJ - Organização de Aventureiros Indígenas do Oiapoque |  OPIPO - Organização dos Professores Indígenas do Município do Oiapoque |  AIPA - Associação Indígena do Povo Palikuri |  AIRO - Articulação Indígena do Rio Oiapoque |  AIPIN - Articulação Indígena do Povo Galibi Marawara |  Na'ya Kall'ina - Associação do Povo Indígena Kall'ina e de Terra Indígena Galibi |  UASBI - Associação Unida dos Povos Indígenas do Oiapoque |
|---|---|---|---|---|---|---|--|---|---|--|---|--|--|---|--|---|---|---|---|--|---|--|---|---|--|--|--|



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



o PGTA registra acordos
para continuarmos vivendo
sempre bem em nosso território



DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)

Os Planos de Gestão Territorial e Ambiental são documentos feitos coletivamente em nossas aldeias. Depois de muitas conversas entre as famílias e as lideranças, combinamos como as comunidades vão utilizar e proteger os recursos do nosso território.

Para manter a qualidade da água, a floresta viva, a fartura de caça e pesca e as variedades de plantas nas roças é necessário impedir invasões de não índios nas terras que ocupamos e defender o nosso direito de viver do nosso jeito.

Nos Planos de Gestão das nossas terras definimos as ações que vamos realizar para cuidar do que temos hoje e para garantir o futuro.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará



Os Protocolos de Consulta
regulam nosso diálogo
com o governo

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

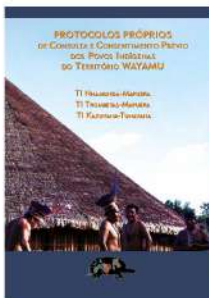


diálogo respeitoso

Protocolos de Consulta registram como cada povo indígena precisa ser consultado pelo governo quando algum projeto que ele pretende implantar vai afetar nossa terra, nossos direitos ou nosso modo de vida. Antes de tomar uma decisão, o governo deve consultar a gente. Temos direito de ser ouvidos e dar nossa opinião.

Nossos protocolos de consulta estabelecem regras para um diálogo de respeito e de boa fé. Explicamos como nos organizamos, quem pode falar em nosso nome e como tomamos decisões coletivamente.

Queremos participar das decisões do governo que podem ameaçar nosso futuro.



SOMOS da TERRA

Povos Indígenas no Amapá e norte do Pará

exposição itinerante | Macapá, 2020

coordenador do projeto

Luis Donisete Benzi Grupioni

curadoria

Marina Kahn e Renata Alves de Souza

desenhos e fotos

Acervo Iepé

edição de textos

Marina Kahn

revisão dos textos

Thais Herrero

projeto gráfico e edição de imagens

Renata Alves de Souza

Tipo Gráfico Comunicação

realização

Instituto de Pesquisa e Formação Indígena - Iepé

O Iepé é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2002, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento cultural e político e para o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas que vivem no Amapá e norte do Pará e de suas divisas com os estados do Amazonas e Roraima.

O Iepé proporciona assessoria especializada e capacitação técnica diversificada, para que se organizem e possam enfrentar, de forma articulada, os desafios crescentes que se colocam hoje às suas comunidades e organizações, para a defesa de seus direitos e interesses.

conselho diretor

Marina Kahn (presidente), Lúcia Hussak van Velthem (vice-presidente) e Ruben Caixeta de Queiroz (conselheiro)

conselho editorial

Denise Fajardo, Dominique Tilkin Gallois, Luis Donisete Benzi Grupioni, Lúcia Hussak van Velthem e Lux Boelitz Vidal

coordenador executivo

Luis Donisete Benzi Grupioni

Essa exposição contou com apoio da Nia Tero Foundation, Bezos Earth Fund, Rainforest Foundation Norway e da premiação recebida pelo Iepé do The Jeonju International Awards for Promoting Intangible Cultural Heritage (JIAPICH), 7a. edição, 2025.





Programa Wayamu - Tumucumaque

coordenadora
Denise Fajardo

coordenadoras adjuntas
Cecília de Santarém, Leonor Valentino e Manuella Rodrigues

equipe
Alison Pereira de Magalhães, Andreia da Silva Vaz, Anielle Sousa da Silva, Chrisranya Luz Bitencourt, Diego Darlison dos Santos Sousa, Efrain da Silva Ribeiro, Gabriela Gomes Costa, Guilherme Cunha de Oliveira, Hiandra Pedrosa de Almeida, Irison Rodrigues Neves, Jociane Fonseca de Souza, João Covolan Bachiega, Jucelino Oliveira Farias, Laura Holanda de Albuquerque Cruz, Mariana Covolan Bachiega, Natália Suelen dos Santos Palheta, Pedro Bezerra Ribas, Shirlene de Sousa Santos e Sofia de Carvalho Galvão

consultor linguístico
Spilko Gildea

assessoria antropológica:
Lúcia Hussak van Velthem e Ruben Caixeta



Programa Zo'ê

coordenadora
Dominique Tilkin Gallois

equipe
Leonardo Viana Braga, Hugo Prudente e Rudreic Souza Soares

assessoria pedagógica
Flora Dias Cabalzar



Programa Wajãpi

coordenadora
Lúcia Szmrecsányi

coordenadora adjunta
Juliana Rosalen

equipe
Daniel Soares Maciel, Giovani Musial, Gutcha Ramil Magalhães, Lorena de Lima, Rodrigo Siqueira Ferreira, Valdemir Furtado e Yasmim Oliveira Araújo



Programa Oiapoque

coordenadora
Rita Becker Lewkowicz

coordenadora adjunta
Teresa Harari

equipe
Alenilda Rocha, Anielle dos Santos, Diocélia Nascimento, Estefany Baia Furtado, Irana Lisboa, Luane Farias, Marcelo Domingues, Mayelle Ferraz e Michele Conceição

assessoria antropológica
Lux Boelitz Vidal



ie pé

Para saber mais sobre o Iepé consulte
www.institutoiepe.org.br | sede-sp@institutoiepe.org.br

Iepé Macapá
Rua Leopoldo Machado, 640
Bairro Santa Rita
CEP 68908-120 - Macapá/AP

Iepé Santarém
Rua Silverio Sirotheau, 1235
CEP 68005-050
Santarém/PA

Iepé São Paulo
Rua Ariosto Buller Souto, 134
Vila Progredior - CEP 05615-030
São Paulo/SP

Iepé Oiapoque
Rua Lélio Silva, 91
Bairro Altos - CEP 68980-000
Oiapoque/AP